

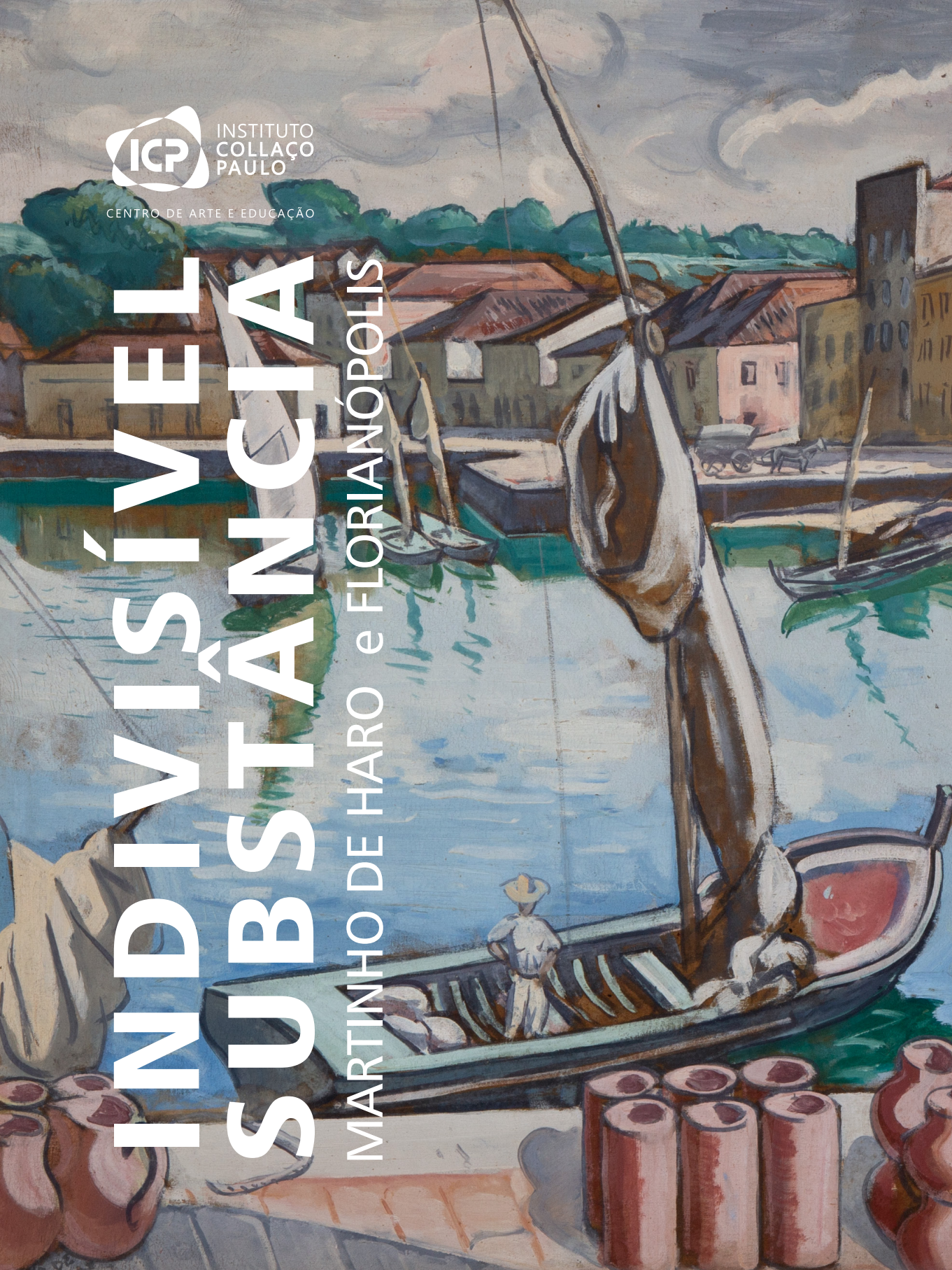


INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO

CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA

MARTINHO DE HARO e FLORIANÓPOLIS



INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA

MARTINHO DE HARO e FLORIANÓPOLIS



CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

**0 4 A ARTE COMO
FORMA DE VIVER**

Marcelo Collaço Paulo

**REPRESENTAÇÃO E
CIDADE EM
INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA**

Francine Goudel e Ylmar Corrêa Neto

0 7

1 1 OBRAS

BIOGRAFIAS 6 1

6 5 EQUIPE

A ARTE COMO FORMA DE VIVER

Marcelo Collaço Paulo

Nos anos 1970, ao redor dos meus 20 anos de idade, frequentando o clube de xadrez em Florianópolis, conheci Martin Afonso de Haro, filho do famoso pintor modernista catarinense, Martinho de Haro (1907-1985). Entre um jogo e outro, convenci Martin Afonso a me levar a conhecer seu pai.

Já gostava de arte e pintura nesta época. Tinha uma convivência pacífica, oriunda do contato com meu tio Hassis (1926-2001), grande pintor, e com outro tio, o Márcio Luiz Guimarães Collaço (1933-2008), presidente do Clube Doze de Agosto, onde se realizavam exposições de arte e tinha um acervo significativo de artistas catarinenses que, vez por outra, estavam presentes. Pude conhecer Pléticos (1924-2020), Meyer Filho (1919-1991), Vecchietti (1933-1993), etc.

Recordo que cuidei da exposição do Vecchetti no Clube Doze, eram dias de verão causticante, todos na praia e eu no fim de semana, sem aula, estava mergulhado em meio as tapeçarias que me abraçavam. A arte já penetrava no meu inconsciente, juntamente às aulas de medicina. Entre o aprendizado de anatomia e o poder da arte, iniciou-se uma simbiose que completou a minha formação intelectual.

A ida à casa de Martinho, levado por seu filho, me abriu um novo horizonte no lado artístico. Conversas, debates e principalmente a curiosidade de um jovem ávido por conhecer e escutar, tive a oportunidade de vê-lo pintar, eu sentado num banquinho no canto da garagem, onde mantinha o ateliê na moradia da rua Altamiro Guimarães, em Florianópolis.

Braços esticados, pinceladas rápidas, sobre a base de desenhos em carvão, Martinho ia construindo seus personagens, figuras, casarios, naturezas-mortas que explo-

diam em cores. Através de seus olhos, eu viajava na sua imaginação. Falava pouco. Perguntava sobre medicina e eu sobre arte. Nesta troca, ouvi falar de Visconti (1906-1976), sobre cinema e literatura e também sobre outros grandes artistas.

Conheci Rodrigo de Haro (1939-2021), seu filho, grande pintor simbolista, com quem mantive amizade até a os momentos de sua despedida. Artistas como Martinho e Rodrigo não desaparecem, continuam vivendo através da sua arte. Como estudante de medicina e agora médico, o paradoxo da existência física e o seu término é derrotado pela imersão e a profundidade que um artista deixa com o seu legado.

Dona Maria, assim eu chamava a mulher de Martinho, era serena, inteligente, sensível, sempre com palavras conciliadoras e amáveis. Busquei incessantemente o meu primeiro quadro do Martinho nesta época. Quando se conhece um artista, você quer levar a sua obra

para a sua casa, e a cada quadro esse olhar se modifica, fazendo que a paixão se cruze com a obstinação de tê-lo por perto.

Ao final da faculdade, há mais de 40 anos já tinha um belo conjunto de obras. Às vezes, quando vamos a um museu, pensamos, “como gostaria de ter vivido e visto este pintor”. Esse é o meu pensamento, poder ter conhecido. Convivido com Martinho de Haro, foi um grande privilégio na minha vida. A ele e à família, sou eternamente grato.

Hoje, quando abro os olhos, procuro arte em todos os lados. Minha personalidade e gostos estão moldados com essa essência, como respirar algo sem filtros e absorver o que há de mais belo na produção da humanidade. A arte como forma de viver.

Compartilhar parte da Coleção Collaço Paulo na mostra “Indivisível Substância: Martinho de Haro e Florianópolis”, para mim e Jeanine Gondin Paulo, minha mulher, dá o privilégio de diálogo e aprendizagem

com os curadores Francine Goudel e Ylmar Corrêa Neto que, comprometidos com a arte e a cidade em que vivemos, estabelecem um recorte para marcar os festejos dos 350 anos de Florianópolis. Os trabalhos artísticos comprovam a força de uma produção pictórica embasada no desenho, e projetam o espectador para o passado de um lugar que não existe mais, mas, ainda assim, permitem pensar o presente e o futuro.

REPRESENTAÇÃO E CIDADE EM INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA

Francine Goudel e Ylmar Corrêa Neto

Martinho de Haro fixou-se em Florianópolis no início da década de 1940, após cerca de dez anos de estudos no Rio de Janeiro e um ano em Paris, fruto do prêmio Viagem ao Exterior conquistado na Exposição Nacional de Belas Artes de 1937. Chegando em Florianópolis, revolucionou a representação da cidade, valorizou os costumes, o casario, o mar, o céu, as baías, as auroras e os ocassos, com cores suaves, enquadramentos cinematográficos, ângulos e motivos novos que resultaram em uma potente imagem da Ilha de Santa Catarina.

A iconografia florianopolitana é rica, graças ao trabalho dos artistas viajantes franceses, ingleses, ucranianos e alemães que aportaram nos séculos 18 e 19. Entre os artistas moradores, Bruggemann (1825–1894), Victor Meirelles (1832-1903) e Eduardo Dias (1872–1945) deixaram registros do século 19 e da primeira metade do século 20. O paralelo iconográfico pode ser estabelecido na pintura do Hospital de Caridade no morro do Menino Deus, na qual Dias e Martinho reinterpretem a imagem oitocentista, principiada por Bruggemann.

O olhar de Martinho criou uma nova Florianópolis, ao mesmo tempo moderna e histórica, suavemente melancólica e nostálgica, e Florianópolis aceitou. Representação e cidade fundiram-se em indivisível substância.

Nascido em São Joaquim, serra catarinense, em 11 de novembro de 1907, foi identificado como artista promissor por Othon Gama

D'Eça (1892-1965) e José Boiteaux (1865-1934) em meados da década de 1920. Com o patrocínio, embora irregular, do governo estadual cursou como aluno livre da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, a partir de 1928.

Entre seus professores estavam Marques Júnior (1887-1960) de desenho vivo, e Henrique Cavalleiro (1892-1975), de pintura. Também colaborou com Eliseu Visconti (1866-1944) na pintura do proscênio do Teatro Municipal, onde foi responsável pela passagem do desenho do cartão para o painel e pela primeira aguada.

No Rio também se aproximou do Núcleo Bernadelli, um ateliê livre modernista, atuante nos porões da Escola Nacional, do qual também participaram Pancetti (1902-1958), Lechowsky (1887-1941) e Dacosta (1915-1988).

Em meados de 1938 viajou para Paris com o prêmio Viagem ao Exterior

do Salão Nacional de Belas Artes de 1937. Lá estudou com Othon Friesz (1879-1949), então professor de desenho na Academia de La Grande Chaumière. A guerra encurtou seus estudos europeus, determinando o retorno ao Brasil em 1939.

A Coleção Collaço Paulo inclui uma pintura de Friesz da época em que Martinho esteve na Europa. Friesz já não era um feroz fovista, mas sim um cezannista cuidadoso, como Cavalleiro. Os verdes de Cezanne (1879-1949) em Friesz se repetem em obras de Martinho.

Em 1942, instalou-se em Florianópolis onde, no isolamento, gradualmente maturou a sua pintura até a morte, em 23 de maio de 1985.

Martinho, no período carioca, retratava os tipos e paisagem da serra catarinense, com as araucárias, os cavaleiros e os peões formando um regionalismo sulista.

Na Ilha de Santa Catarina seus temas mudaram. Múltiplos são seus

esboços da paisagem florianopolitana, e múltiplas são as descrições dele pintando ao ar livre na cidade.

As pinturas eram cuidadosamente compostas com ajustes de ângulos e enquadramentos, às vezes com riqueza de detalhes, outras vezes de forma estilizada.

Os motivos eram repetidos com pequenas modificações, em períodos diversos, com pinceladas e técnicas diferentes. O estudo das repetições de temas na obra de Martinho revela o complexo processo intelectual na adaptação das paisagens aos conceitos do modernismo, no qual o constructo se impõe ao real.

Em 40 anos, os tons pastel se tornam ferozes, os contornos precisos das janelas evanescem, o mar calmo se encrespa pelo vento sul e as nuvens suaves se tornam manchas de tormenta. Essencialmente Florianópolis se torna Martinho e vice-versa.

“Gosto de pintar Florianópolis porque fui seduzido pela sua beleza natural, sua magia e seu sabor colonial, no sentido de sua memória. Sinto-me integrado em seu espírito.”

Martinho de Haro, 1982,
entrevista a Paulo Prado

Martinho foi pioneiro na defesa do patrimônio histórico florianopolitano. Mais do que documentar as construções, lutou pela preservação do patrimônio material, também valorizou e salientou o patrimônio imaterial.

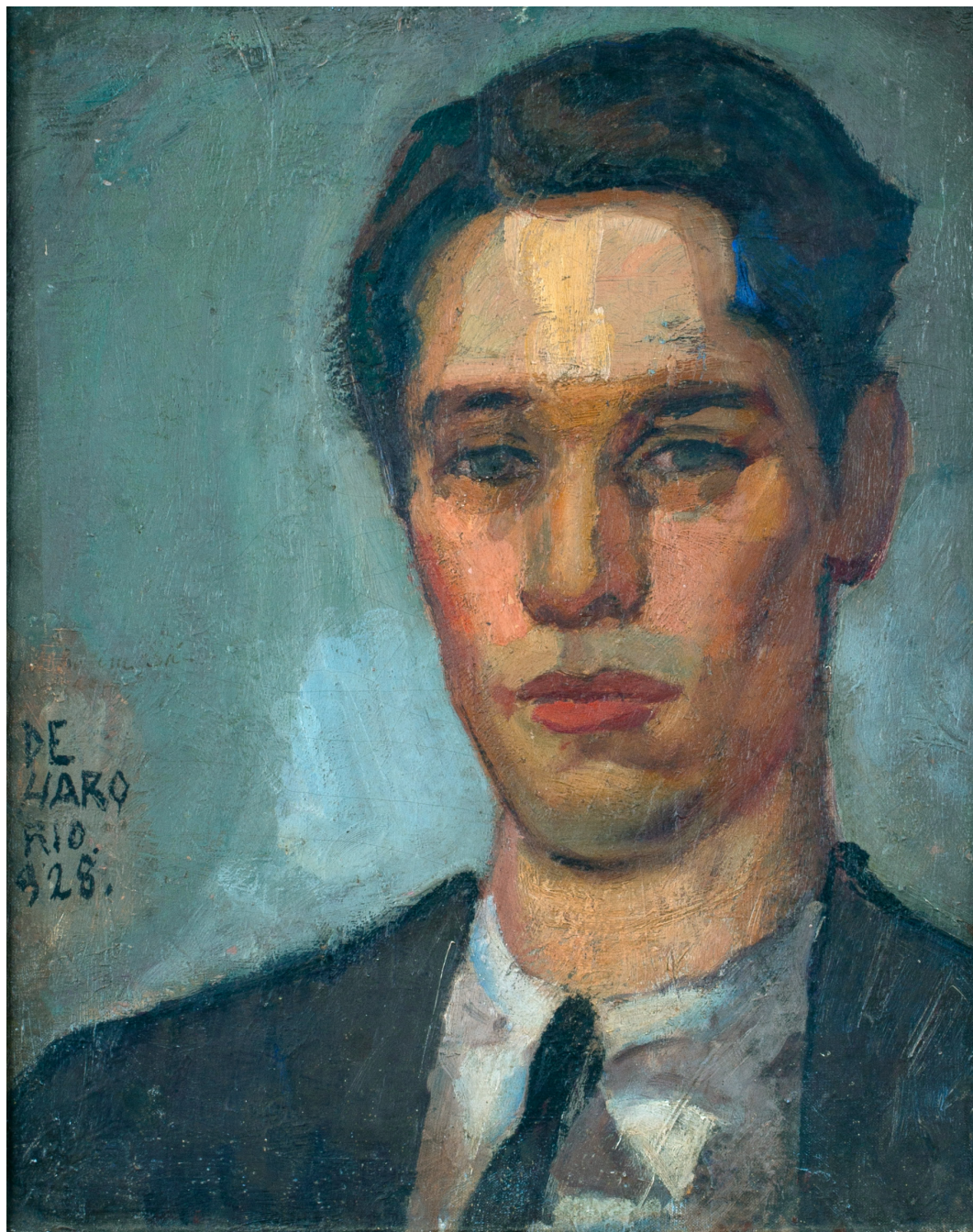
Nas naturezas-mortas não se limitou às suas representações florais, aclamadas pela crítica, mas introduziu a culinária local, com peixes, camarões, caranguejos e siris em amarelos e laranjas fortes.

Os engenhos artesanais de mandioca do interior da Ilha de Santa Catarina, produtores de farinha branca e fina, e a cafeicultura local, com o pilar do café, atividades hoje praticamente desaparecidas, estão eternizados pelo artista.

O carnaval explode em cores e movimento nas pinturas. Blocos de rua no largo da Alfandega ou em volta da praça 15 de Novembro são retratados com alegria e humor ao ritmo de samba.

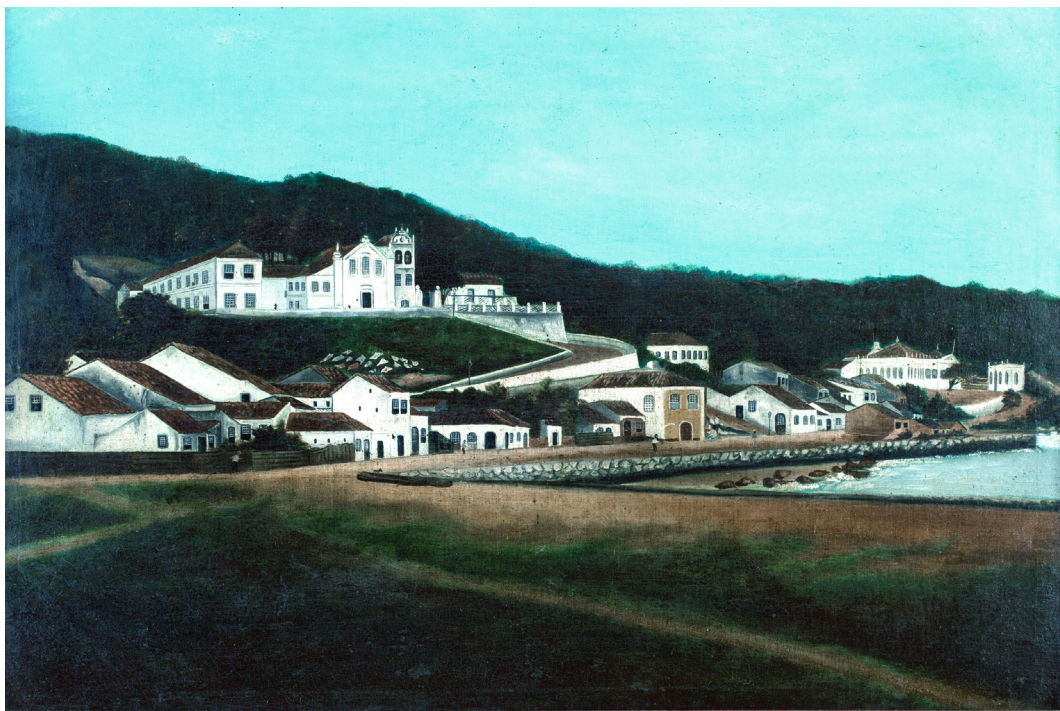
Nascida da amizade e admiração dos colecionadores pelo artista e sua família, a Coleção Colloço Paulo detém cerca de uma centena de obras de Martinho que passam por todos os temas e períodos de sua criação, sendo o único acervo no Brasil que possibilita uma análise abrangente desta produção.

Nesta exposição, o recorte da coleção dedica uma mirada à construção visual moderna que o artista possibilitou à cidade que também o ajudou a conceber o seu pensamento pictórico. Como uma substância indivisível não alcançamos reverenciar Martinho sem contemplar Florianópolis, assim como não é possível pensá-lo dissociado da Ilha.



Autorretrato, 1928. **MARTINHO DE HARO**

Óleo sobre tela sobre madeira. 41,2 x 33,1 cm. Coleção Collaço Paulo



Vista do Hospital de Caridade, c.1865. **BRUGGEMANN**
Óleo sobre tela. 48,6 x 72,7 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1942. **EDUARDO DIAS**

Óleo sobre madeira. 30 x 60 cm. Coleção Collaço Paulo



Hospital de Caridade, 1968. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 54,5 x 88 cm. Coleção Collaço Paulo



Les Plaisirs D'Été, 1935. **OTHON FRIESZ**
Óleo sobre tela. 63 x 80,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c. 1950. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 57 x 111,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Cais da Rua Francisco Tolentino, 1970-75. MARTINHO DE HARO
Óleo sobre eucatex. 51,2 x 76,2 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1940. **MARTINHO DE HARO**

Óleo sobre tela sobre madeira. 41,2 x 33,1 cm. Coleção Collaço Paulo



Cais da Rua Francisco Tolentino, 1943. MARTINHO DE HARO
Óleo sobre tela. 78 x 123 cm. Coleção Collaço Paulo



Barcos, 1945-50. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 27 x 34,2 cm. Coleção Collaço Paulo



Pequeno Porto, 1945-50. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 32,2 x 24 cm. Coleção Collaço Paulo



Embarque, 1945-50. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 27 x 34 cm. Coleção Collaço Paulo



Barco no Cais, 1945-50. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 27 x 34 cm. Coleção Collaço Paulo



Ilha do Carvão, 1945-50. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 51,5 x 73,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Cais Hoepcke, 1956. **MARTINHO DE HARO**

Óleo sobre verso de eucatex. 50,9 x 61 cm. Coleção Collaço Paulo



Cais Hoepcke, 1956. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre verso de eucatex. 50,9 x 61 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c.1980. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 38,5 x 58,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, c.1959. MARTINHO DE HARO
Óleo sobre eucatex. 38,5 x 58,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, c.1970. MARTINHO DE HARO
Óleo sobre eucatex. 58,5 x 52,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Loja de Fazendas Hoepcke, 1955-60. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 54,8 x 64 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1955-60. **MARTINHO DE HARO**

Aquarela e nanquim sobre papel. 22,9 x 31,7 cm. Coleção Collaço Paulo



Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 1955-60. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre compensado naval. 46 x 38,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Igreja Santo Antônio, 1975-80. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 46 x 64 cm. Coleção Collaço Paulo



Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, Santo Antônio de Lisboa, 1975-80

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre eucatex. 40,5 x 69 cm. Coleção Collaço Paulo



Igreja Ribeirão da Ilha, c.1970. MARTINHO DE HARO
Óleo sobre eucatex. 35 x 50,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Casario da Praça 15 de Novembro, 1970-75. MARTINHO DE HARO
Óleo sobre madeira. 49,5 x 77 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**

Grafite sobre papel. 22,8 x 32,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Bloco Unidos do Mocotó, c.1975. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 62,2 x 117 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1974. **MARTINHO DE HARO**

Óleo sobre eucatex. 58,5 x 48 cm. Coleção Collaço Paulo



Lira do Morro, 1975-80. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre madeira. 52,5 x 73 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, c.1970. **MARTINHO DE HARO**

Óleo sobre compensado. 37,7 x 49,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Natureza-Morta com Peixe e Frigideira, 1944. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela sobre eucatex. 50,6 x 57,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Nu Recostado com Rosa, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 61,8 x 95 cm. Coleção Collaço Paulo



Engenho, 1980-85. **MARTINHO DE HARO**

Óleo sobre tela sobre eucatex. 44 x 60,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Engenho no Ribeirão, 1960. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 79 x 90 cm. Coleção Collaço Paulo



Pilão de Engenho, c.1975. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela. 80,5 x 56 cm. Coleção Collaço Paulo



Baía Sul com Nuvens, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela sobre eucatex. 39,5 x 60,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre madeira. 41,9 x 66,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**

Nanquim sobre cartão. 37 x 70 cm. Coleção Collaço Paulo



Mercado Público, 1970-75. MARTINHO DE HARO
Óleo sobre eucatex. 43 x 80 cm. Coleção Collaço Paulo



Baía Sul com Barco Amarelo, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 40 x 66,7 cm. Coleção Collaço Paulo



Miramar e Castelinho, 1965. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre eucatex. 27,5 x 88 cm. Coleção Collaço Paulo



Miramar e Castelinho, 1968. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela sobre eucatex. 42 x 82,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Miramar e Castelinho, 1975-80. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre compensado. 30 x 68 cm. Coleção Collaço Paulo



Largo da Alfândega com Ocaso Amarelo, 1980-85. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela sobre eucatex. 43,3 x 70,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1960-70. **MARTINHO DE HARO**

Óleo sobre eucatex. 46,4 x 65 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**

Aquarela e nanquim sobre papel. 24 x 35 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1970-75. **MARTINHO DE HARO**
Carvão sobre papel. 24 x 35 cm. Coleção Collaço Paulo



Rua General Bittencourt, 1955-60. **MARTINHO DE HARO**
Óleo sobre tela sobre eucatex. 33,5 x 45,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Martinho de Haro

São Joaquim, SC, 1907

Florianópolis, SC, 1985

Natural de São Joaquim (SC), Martinho de Haro nasceu em 1907. Viveu por dez anos no Rio de Janeiro, onde integrou o Grupo Bernardelli e trabalhou como auxiliar de João Timótheo da Costa (1878-1932) na decoração da Igreja Nossa Senhora da Pompéia, e de Eliseo Visconti na criação do *panneau* do Teatro Municipal. A mesma cidade realizou, em 1977, sua última exposição.

Em 1937, viaja a Paris, de onde volta cerca de um ano depois em razão da guerra. Engajado nos assuntos da cidade, participou em 1949 da criação do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc) que ele dirigiu entre 1955 e 1958.

Nos 20 anos de morte, Walmir Ayala (1933-1991) escreve: “O diálogo agora é de uma pintura soberana e completa, com um universo de olhares necessários de justiça e esclarecimen-

to. A Ilha ganha agora sua luz, sua verdadeira luz, porque a obra viva de Martinho de Haro encontra seu continente exato; é um bem público destinado a valorizar a vida comunitária”.

No centenário em 2007, uma comissão presidida por Marcelo Collaço Paulo, organizou uma vasta programação com exposição, livros, discussões, convidados ilustres, produção de documentário. A iniciativa reuniu o melhor da produção de Martinho, segundo João Evangelista Andrade Filho, secretário da comissão, na época administrador do Masc. O legado do artista recebeu a atenção de estudiosos e críticos, entre eles Fábio Magalhães, João Evangelista Andrade Filho, Roberto Teixeira Leite e Olívio Tavares de Araújo, que se debruçaram sobre as obras e indicaram novas perspectivas de entendimento e avaliação.

Ao morrer em 1985, em Florianópolis, Martinho de Haro deixou um expressivo legado que ajuda a compreender a cidade sob diferentes abordagens.

Bruggemann

Stralsund, Alemanha,
1825

Alemanha, ca.1894

Sua biografia é um tanto controversa. Professor na Academia de Belas Artes de Copenhague, chega ao Brasil em 1851, acompanhando um batalhão contratado pela Alemanha para combater João Manoel Rosas (1793-1877), na região platina. Existe a possibilidade dele ter sido filho do pintor Johann Bruggemann. Convidado por Hermann Blumenau (1819-1899), em Blumenau, onde permanece até 1868, pinta aspectos da colonização alemã. Sua presença no Brasil está também ligada à cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, da qual deixa paisagens, entre elas seis telas com a mesma vista, pintada a partir da chamada “curva de José Mendes”.

Eduardo Dias

Nossa Senhora do Desterro, SC,
1872

Florianópolis, SC, 1945

Pintor autodidata, decorador e conservador, retrata paisagens de Desterro, a cultura açoriana e retratos de personagens catarinenses. Esculpe fachadas de edifícios públicos, faz figuras ornamentais para carros alegóricos dos carnavais, decora paredes internas de moradias, restaura algumas pinturas de igrejas e executa cenários para operetas e revistas musicais. Em 1896, o então governador Hercílio Luz (1860-1924) propôs uma bolsa do governo para que ele pudesse estudar na Academia de Belas Artes, porém a proposta enviada à Assembleia Legislativa não foi aceita pelo Partido Oposicionista. O fato é que o próprio artista declina o convite para não se afastar de Santa Catarina.

Othon Friesz

Le Havre, França, 1879

Paris, França 1949

Começou sua formação artística na Ecole des Beaux-Arts, em Le Havre, com os colegas artistas Raoul Dufy (1877-1953) e George Braque (1882-1963). Foi transferido para a École des Beaux-Arts de Paris, onde foi aluno de Léon Bonnat (1833-1922). Em suas aulas conheceu Albert Marquet (1875-1947) e Henri Matisse (1869-1954), que podem ser associados ao movimento fauvista ao lado de Friesz. Fez parte deste movimento entre os anos de 1905 e 1907. Influenciado por Cézanne (1839-1906), Friesz passou a usar cores menos intensas e a estruturar suas composições. Por um curto período de tempo, ele se envolveu com o movimento cubista. Além de pintor, Friesz se dedicou à área da educação. Ele montou sua própria escola/ateliê de arte em 1912, onde ensinou por dois anos. Também ensinou em outras academias, como a

Académie Scandinave em Paris e a Académie de la Grande Chaumière, em Paris.

INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA

MARTINHO DE HARO e FLORIANÓPOLIS

De 30 de julho de 2022
a 17 de fevereiro de 2023

O INSTITUTO

Diretor-presidente

Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente

Jeanine Gondin Paulo

Museóloga

Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe

Francine Goudel

Coordenadora do núcleo educativo

Joana Amarante

Produção de conteúdo e comunicação

Néri Pedroso

Estagiária do núcleo educativo

Ana Martins

Serviços gerais

Adriano Lessa

Recepção e atendimento

Júlia Bayer Heidmann

Eduardo Tavares de Miranda Costa

A EXPOSIÇÃO

Curadoria e textos

Francine Goudel e
Ylmar Corrêa Neto

Coordenação de montagem

Cristina Maria Dalla Nora

Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

Material educativo

Joana Amarante
Ana Martins

Revisão e edição dos textos

Néri Pedroso

Material gráfico

Lorena Galeri

Fotografia

Eduardo Marques

O CATÁLOGO

Coordenação editorial

Francine Goudel
Néri Pedroso

Textos

Marcelo Collaço Paulo
Francine Goudel
Ylmar Correa Neto

Projeto gráfico e edição de imagem

Lorena Galeri
Shayda Cazaubon

Fotografia

Eduardo Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Indivisível substância : Martinho de Haro e Florianópolis / [livro eletrônico]
[organização Francine Goudel, Néri Pedroso] -- 1. ed. -- Florianópolis, SC :
Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2023. --
(Catálogo de exposição do Instituto Collaço Paulo: Centro de Arte e Educação)
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-980337-3-6

1. Artes visuais 2. Artistas - Biografia 3. Pintura 4. Pinturas - Arte - Exposições - Catálogos
I. Goudel, Francine. II. Pedroso, Néri. III.

23-171602

CDD-750

Índices para catálogo sistemático:
1. Pinturas : Artes : Exposições : Catálogos

750

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA

MARTINHO DE HARO e FLORIANÓPOLIS

Organização

Francine Goudel

Néri Pedroso

REALIZAÇÃO:



APOIO CULTURAL:

digitro.



PATROCÍNIO:



**PREFEITURA DE
FLORIANÓPOLIS**
TURISMO, CULTURA E ESPORTE

Projeto patrocinado pela Prefeitura de Florianópolis por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (modalidade doação), Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

Florianópolis, 2023